



# Roubar ou ser roubado

Portugal, incontestavelmente é hoje e sempre será, cada vez mais, um país infestado por numerosas quadrilhas de numerosos bandidos, um país a saque; um país a apique, fazendo aguas de imoralidade, de perversão, da crápula, do cinismo, de baixeza de carácter, de subserviência, incúria, maltazez, e relativamente por todas as juntas; um país em que, categorica e imperativamente, não há mais que fazer senão isto: —roubar ou ser roubado.

E na irremediável e irremissível encravação deste dilema infernal só poderá, quando muito, haver o recurso de estoirar de fome, abraçado ao frágil madeiro da honestidade que futura a custo, escorregadio e viscoso, à similitude dum alforreiro, que não é carne nem é peixe como costume dizem-se.

Isto, principalmente, debaixo do ponto de vista económico, mas devido e não pouco ao descalabro da política que, em logar de ser, entre nós, a tal pretendida ciência de bem governar os povos, tem empregado todos os meios possíveis e imagináveis para desgoverná-los até à consumação dum verdadeiro patrocínio, em prejuízo manifesto de patriotas e não patriotas.

Quem vive?

As quadrilhas.

Quem manda?

As quadrilhas.

Quem possui?

As quadrilhas.

Quem gosta?

As quadrilhas.

A terra está inulta, improdutiva ha-

anos, na mór parte da sua extensão.

O mar está improdutivo, ha anos.

Carnes não ha, como não ha meios de transpor a terra e no mar.

O pão é escasso, caríssimo, composto de toda a casta das substâncias tóxicas e indigestas, moídas e remoidas pelos processos mecânicos da máxima perfeição.

Um chichárro pôde, veneno, custa oito vintens.

Uma duzia de sardinhas ou carapaus, não muito grandes, custa um cruado.

Assucar só abunda o areado branco,

anove tostões o quilo e o americano de luxo.

A manteiga, com quarenta e cinco cento por cento de água, é igual percentagem de porcarias e substâncias tóxicas custa vinte e quatro tostões cada quilo.

Feijão e batatas não há.

O calcado e o vestuário custam o que se sabe.

As rendas de casas são pavorosas de caroaria.

Para cumulo de infortunio e como se a produção nacional e a importação do alimento não fossem tão escassas como são, deixam-se apodrecer, de propósito, a batata, o milho, e as farinhas e muitos outros géneros que, bem aproveitados, repartidos e transportados, a tempo e horas, dariam um grande alívio à situação económica do consumidor e à acção governativa, ainda com a garantia da estabilidade da ordem pública e vantagens muito importantes para a fazenda pública.

Pôde, por via de regra, é o peixe que entra no mercado; pôde a batata que aparece, quando aparece; pôde o arroz, bacalhau e bacalhau; pôde e furedo, o milho que vem de África; pôde o feijão; pôde as farinhas; pôde os tecidos para restaurar; pôde as consciências, as leis repressivas do aglomeramento, da sonegação e da ganância comercial; pôde o carácter; pôde a justiça; pôde a política.

Tudo pôde, a delirar-se; tudo corrompido; tudo falsificado; tudo mau, tudo ruim, tudo péssimo, tudo caríssimo; tudo excentricio, purulento, canceroso e fétido; tudo em almoeira, em leito; tudo pilhado—desde a carteira que se mete no bolso, até às ideias úteis que podem servir e de que se faz mão baixa para armar ao efeito e à popularidade, para se mostrar que há interesse pela causa dos humildes, para se mostrara-

## INSTRUÇÃO POPULAR

75 por cento de analfabetos  
Faltam 7.000 escolas em Portugal e as que existem são pardieiros—Uma representação do professorado primário

Além das restantes, verificam-se estas anomalias na seguinte representação que o Conselho Central da União do Professorado Primário Português acaba de entregar ao ministro da instrução:

Portugal, todos o sabem, é país de nível mental inferioríssimo que o mesmo é dizer de abandono, amoralizado e decadente.

Mas como havia de ser, como poderia ser de outra maneira, se o mal já vem do tempo remoto das conquistas e se o português que não degenerou não perde a balda ancestral de surripiar, para fazer casa, o que, de direito, pertence a aquelas que constituam a exceção da regra geral e cujo modo de ser moral, os tornou anormais, por comparação, referenciários, por conseguinte, à podridão que os envolve, asfixiando-os por não poder contagiá-los?

E o que não está podre nem pode apodrecer, não serve, não presta, deixa-se fora, irradia-se, desprasa-se, quando não se lhe faz peor.

Tudo isto vem à coleção da crise das subsistências que, muito de propósito, não se tem resolvido nem resolverá por-

que não convém que se resolva, quando, aliás bem poderia resolvêr-se, sem maiores ferir alguém, não direi como porque não quer nem compete dizer-lhe a quem não é coisa alguma no mundo oficial das subsistências, mesmo para que o sapateiro não suba além da chinelas ou para não meter foice na cesta das atribuições alheias.

Todavia, como essa crise não se resolve do modo algum, é com a liberdade de comércio, por conta góticas, com exceções, com favores, com privilégios, com a intrusão do Estado na vida comercial, quando lhe dá na gana.

Como ela não se resolve nem poderá resolver é com a restrição sistemática de transportes, com o obséquio escandaloso e transparente a amigos e parentais, a empresas, sindicatos, companhias e monopólios, com as peias, dificuldades e entraves burocráticos.

Assim não vai.

Não vai mas racha. Com toda a certeza que racha.

E aos que me disserem que a liberdade de comércio, como eu a entendo, recomendo e tenho recomendado, que é como ela devia ser, daria causa à maior elevada cárstica da vida, responderei que não pode nem deve julgar-se e condenar-se a priori, por hipótese ou simples palpite, juridicamente falando.

O meu critério, neste particular das subsistências, vem a ser o seguinte:

Concedida, com a máxima amplitude e sem a possibilidade de nenhum sofisma, a liberdade de comércio, de duas coisas, uma delas sucederá, infelizmente.

Ou o comércio, em geral, se humanizará, ou não humanizará.

No primeiro caso tudo estaria bem e não seria preciso intervir na vida colectiva.

Assim se tem protelado a questão sem pensar no verdadeiro significado dessas respostas nem na improrrogabilidade da resolução de tão urgente problema.

Isto tem sido a confissão tácita de que o Estado não tem sentido o problema, nem sentiu a importância da questão porque, se não melhora 5.000 escolas nem acede a 8.000 professores, como há de dotar a nação com as 12.000 escolas e os 20.000 professores de que ele carece imprecisamente?

Estamos divorciados da civilização e com esse divórcio não se compadecem a hora que passa.

Não nos iludimos, nós portugueses, uns aos outros, com palavras cuja inani-

dade os factos eloquentemente se têm encarregado de desmentir.

E' hora de falarmos todos a linguagem da verdade, da compreendermos a grandeza do momento social que atravessamos e mettermos ombros à amaralha para continuação de trabalhos.

Mais resolvem oficiar ás associações de classe dos operários carpinteiros civis e navais e carpinteiros de Lisboa, convidando cada uma delas um delegado a uma reunião que se efectua na proxima sexta-feira, para se apreciar devidamente a questão da livre exportação de madeiras.

A reunião de amanhã efectua-se às 21 horas.

**CONVOCAÇÕES**

União dos Jardineiros em Portugal

Reúne hoje a assembleia geral, pelas 20 horas.

Secção das Associações da Construção Civil de Belém

Reúne hoje a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Eleição dos corpos administrativos, e da comissão revisora de contas, e nomeação dos delegados à comissão Inter-Sindical e à Federação.

**Sindicato Metalúrgico**

Para continuação da leitura do projecto do estatuto do bolsim de trabalho e caixa de solidariedade, reunem hoje, às 20.30, a comissão, os delegados dos sindicatos e os camaradas que se interessam pelo assunto, na rua da Esperança, 204, 2.

**Construção Civil da Amadora**

Reúne hoje a assembleia geral, para tratar de assuntos que interessam a todos os associados, sendo um deles apreciar o pedido de demissão do camaraçado delegado desta associação, Vladimiro Camarate.

**Operários Carruageiros**

Reúne hoje, às 20 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Eleição dos corpos gerentes para o correto ano; eleição da comissão revisora de contas de 1918; resolver sobre o número de acções a adquirir de A Batalha.

**Encadernadores e Anexos**

Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral para o preenchimento de cargos vagos e apresentação do relatório da comissão revisora de contas.

**Vendedores Ambulantes**

Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Continuação da discussão do relatório e contas e apreciar a forma como se deve comemorar o aniversário deste sindicato, que está próximo.

**A BATALHA em Coimbra**

vende su-

na tabacaria Pátria, rua da Sofia.

## Vida Sindical

### COMUNICAÇÕES

#### U. S. O. de Lisboa

Reúniu a Comissão Administrativa deste organismo conjuntamente a Comissão de Propaganda Sindical, resolvendo promover uma série de conferências e sessões de propaganda tendentes à preparação de um comício operário no dia 1.º de Maio.

Na próxima quinta feira, 27, pelas 20 horas, realizam-se as duas primeiras destas sessões nas sedes da U. S. O., calçada do Combro, 38-A, 2.º e Associação do Pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional, rua de S. Paulo, 121, 2.

As seguintes terão lugar todas as segundas e quintas feiras, até ao dia 1.º de Maio, nas sedes dos sindicatos das diversas indústrias, a indicar oportunamente.

#### Op. da Companhia das Águas

A comissão delegada desta classe conferenciou ontem novamente com o ministro do trabalho relativamente à reclamação de 5.20 de aumento no salário. O ministro respondeu que o assunto ficaria resolvido dentro de breves dias, devendo a comissão voltar ao ministério depois de amanhã.

#### Pintores da Construção Civil

Reúniu ontem a assembleia geral, sendo tratado um caso passado com os pintores na obra do hospital do Desterro, ficando resolvido oficial ao ministro do trabalho e à comissão inter-sindical.

Foi aprovado um voto de confiança à comissão que trata de colocação dos operários sem trabalho, sendo resolvido encerrar a inscrição.

#### Acerca das posturas municipais sobre a limpeza das propriedades na cidade

da imprensa estrangeira usou da palavra o sr. Alejo Carrera, correspondente do El Sol, saudando o ministro da guerra assistiu, acompanhado de grande número de oficiais, à abertura do citado gabinete, tendo sido servido um delicado lanche.

Ao chamarpe, o ministro da guerra saudou a imprensa, a Pátria, o Exército, a República e o chefe do Estado, expondo, em seguida, os motivos que o levaram a pedir a sua demissão, que esteve em escrúpulos do seu carácter que se pretendem levar a cabo no exercicio.

A's saudações do ministro responderam os representantes de alguns jornais, fazendo ressaltar a prova de consideração dada à imprensa pelas estações oficiais, consideração que é caso virgem nos anais da imprensa portuguesa.

Pela imprensa estrangeira usou da

palavra o sr. Alejo Carrera, correspondente do El Sol, saudando o ministro da guerra.

O gabinete da imprensa começará

funcionando de amanhã em diante,

devendo, todos os dias, um oficial informar os representantes dos diversos jorna

ais, das notícias referentes a assuntos militares, havendo, por isso, horas de

terminadas, quer para os diários da tar

de, quer para os diários da manhã.

**A situação política**

Com o presidente do ministério confeccionaram ontem os representantes dos diversos partidos da República, acerca da questão política, e, ao que se diz, no sentido de que o sr. José Relva continue, à frente do governo. No entanto dá-se como positivo o pedido de demissão do atual gabinete.

#### Tentativas de suicídios

Foi para a enfermaria 1 (S. Joaquim) do hospital de S. José, Libélula Nunes Costa, 37 anos, residente na rua Sociedade Farmacéutica, 25, 1.º, que tentou suicídio esfondando um tiro no peito.

Recobreu a enfermaria 4 (Santo António) do hospital de S. José, Augusto Botelho, de 18 anos, empregado no comércio, residente no Chafariz Adalida, Dafundo, que é restaurante Rombo, na travessa de S. Domingos tentou suicídio esfondando um tiro no peito.

**O perigo das armas de fogo**

No Banco do hospital de S. José foi pensado Cusidó Pereira, 17 anos, trabalhador, residente no Cassal da Preguiça; em S. Francisco, Alcochete, que ali se experimentava uma arma esquadra. Ele recobreu a enfermaria 1 (S. Sebastião) do hospital de S. José Palva do Almeida, 45 anos, empregado no Comércio, residente na rua do Forte, 28, 2.º, esquerdo, que no dia 22 de Fevereiro último foi ferido em ambas as pernas com um tiro.

**Se os mineiros não aproveitarem esta ocasião, cometem grave erro—Bonar faz uma impressionante declaração**

LONDRES, 21.—Diversos membros independentes da comissão carbonifera entregaram um relatório, decidindo o governo adoptar o do presidente da comissão, referendado por três membros da comissão, que nela tem com a indústria do carvão. Este relatório propõe aumento de salários de 2 shillings por dia, todos os dias, um oficial informar os representantes dos diversos jorna

ais, das notícias referentes a assuntos militares, porque mais de 15 milhões revertem a favor do Estado sobre a forma de imposto sobre rendimentos excessivos.—H.

**Ferido com um tiro**

Da enfermaria 3 (S. Sebastião) do hospital de S. José, o sr. José da Costa, 35 anos, marceneiro, morador na rua da Praia, 18, 2.º, que na noite de 18 de Julho, em sete horas de trabalho, a partir de 16 de Julho, e a seis horas em 2 de Agosto, foi ferido com um tiro no peito.

**Agressão à facada**

José Augusto de 35 anos, marceneiro, e José Rodrigues da Torrinha, 35 anos, descarregador, residentes na rua da Praia, 18, 2.º, que na noite de 18 de Julho, em sete horas de trabalho, a partir de 16 de Julho, e a seis horas em 2 de Agosto último foi ferido com um tiro no peito.

## INTERESSES DE CLASSE

**Os operários metalúrgicos da Carris de Ferro de Lisboa**

Recebemos a carta seguinte:

**Camarada redactor** — De há muito somos contrários às horas suplementares de trabalho, em qualquer oficina, por darem margem à inadmissão de outros operários. Entre os camaradas metalúrgicos da Carris de Ferro de Lisboa muitos há que se prestam a isso.

Nós, os metalúrgicos da Carris de Ferro, percebemos, antes da guerra, determinado salário, e as horas extraordinárias eram acrescidas de 50 por cento. Como o custo da vida se tornou difícil; foram-nos concedidos, primeiramente, 10 por cento de aumento, depois 10 centavos, mais tarde 30 e, finalmente, 40. Pois, actualmente, as horas suplementares são-nos pagas com a percentagem de 50 por cento sobre o salário que aferímos *antes da guerra!* Desta forma fica visto que, num período de 8 horas, somos expoliados em 60 centavos! É urgentemente necessário que a persecução incida sobre o ordenado actual; a fim de que não continue sendo prejudicados vários camaradas que, como protesto contra esta extorsão, se recusaram já a trabalhar durante as horas extraordinárias, o que lhes valeu a ameaça de despedimento!

Que nisto atentem os nossos colegas metalúrgicos, para prover de remedio ao mal que nos aflige. — Três conscientes da Carris de Ferro.

**Os operários alfaiatos e as questões económicas e higiénica**

Há dias encarecia eu, neste jornal, a necessidade imediata dos alfaiatos se movimentarem no sentido de ser reclamado o estabelecimento do salário e mão de obra mínimos; mas são já decorridos quinze dias, e quando esperava que esse meu alvitre tivesse o acolhimento que as dificílimas circunstâncias da vida económica aconselhavam e aconselham, vi, com profunda mágoa, ser o meu alvitre acolhido com indiferença pela maioria dos operários alfaiatos.

Mas não será demasiado insistir, quanto ao assunto a tratar é daqueles que parecendo a muitos à primeira vista não ter a importância que merece, é, sem dúvida, de capital importância para a organização operária, e, por consequência, para a classe. Suponhamos que amanhã barateia o arroz, grão, massa, pão, um centavo em quilo; que o azeite, vinho, leite, petróleo, barateava também, vá lá, outro centavo em litro; que as rendas de casa baixavam uns quatro ou cinco por cento, e que, finalmente, os artigos de vestuário tinham também um barateamento de ouuns cinco por cento. O que aconteceria?

O patronato diria logo, alto e bom som, que a vida estava mais barata, que tudo havia descido de preço e, como consequência lógica lá para elas, os salários teriam que baixar. E baixavam-nos desta forma: começavam por oferecer aos operários menos aptos, em vez de 1800, 180 ou 1500, r., como a maioria da classe não se incomoda muito com estes assuntos, resultaria o fícarmos numa situação humilhante perante as outras classes e numa situação miserável perante o custo da vida.

Ora precisamente isto é que é preciso evitar, e parece-me ser melhor agora do que em qualquer outra ocasião. A higiene nas oficinas de alfaiataria também deve merecer da nossa classe o máximo da sua atenção, porque se trabalha por ai numa verdadeira insalubridade, apesar de existirem leis, sub-delegados de saúde, etc.

Um fulano qualquer que nunca foi alfaiate, mas que tem dinheiro e prestando multiplicá-lo, abre uma alfaiataria. A casa melhor é para a venda, noutra casa põe-lhe muitos espelhos, etc. — e fica sendo o gabinete de provas. Outra casa ainda, com rasgadas janelas ou portas, é o salão dos confrarmestres. Depois é necessária a oficina, mas como não há mais divisões? Que faz esse fulano, que nunca foi alfaiate? Instala a oficina no saguão, ou então manda abrir um subterrâneo, e é aí, com luz acesa de dia e de noite, que os alfaiates tecem a sua entrada no município daquela concelho.

Tudo isto não causa admiração, sabendo-se que não ministério dos abastecimentos também preponderam tendeiros, facto que nos é garantido pelo sócio n.º 44 da Pensionista.

**A Cadeia do Lameiro**

Escrivemos-nos António de Castro Pinto, prêsto na cadeia do Lameiro, protestando contra o facto de, tendo o ministro da justiça oficializado ao director daquele estabelecimento penal autorizando esse priso a dar entrada no hospital, a fim de o operarem de uma úlcera, ainda não terem dado andamento a essa determinação superior.

**Câmara Municipal de Lisboa**

**Monumento a Eça de Queiroz**

Por unanimidade a comissão administrativa aprovou uma proposta do sr. Magalhães Peixoto, para que se oficiale ao escultor sr. Teixeira Lopes, pedindo-lhe a conclusão do busto do 1.º Presidente da República sr. dr. Teófilo Braga, destinado a figurar no salão nobre dos Paços do Concelho, em conformidade com o contrato firmado entre esta câmara e o referido artista, em 16 de Novembro de 1915.

Por proposta do sr. Costa Mota (so-brinho) foi por unanimidade resolvido ouvir a Comissão de Estética sobre o pedido de mudança de local do monumento a Eça de Queiroz.

**"A leva da morte"**

Do sr. José Duarte Costa recebemos uma longa carta em que, no louvável propósito de defender seu irmão, Alvaro Duarte Costa, polícia acaute de ter morrido o vizinho de Elvira Braga, quando da arrancada «leva da morte», produz considerações atinente a sua inocência.

Pede-nos aquele senhor a publicação da sua carta, no que a "A Batalha" não aceita em consequência de nela se fazerem apreciações de ordem política que nestas colunas não tem cabimento, mas dum motivo.

**Agressão**

Foi preso José Abreu, rua das Barreiras, 65, redor-chão, por agredir o cavalo marinho José Antunes, rua Augusto, 221, que deu com alguma ferida na fragata D. Francisco, e ao ex-agente da polícia de investigação de todas as secções.

A polícia de investigação de todas as secções está também tratando desse assunto mandando a comissão o resultado das suas investigações.

**Jornal do público**

**Reclamações de militares**

Sobre a nossa mesa de trabalho tem tombado algumas cartas de camaradas mobilizados sobre assuntos militares. Não as podemos publicar na íntegra. Todavia, delas passamos a dar um resumo, o mais possível desenvolvido.

Assim, um grupo de camaradas de artilharia 1 e 2, que se encontram presos em Penafiel por terem feito várias reclamações, que não especificam, protestam contra o facto de, quando a liberdade estava em perigo devido às manobras reacionárias, os terem aproveitado para prestar serviço no exército republicano que operou no norte, sendo, agora, recompensados dessa forma.

Outro grupo de camaradas do 3.º batalhão de infantaria 1, que também estiveram nas operações do norte, escrevem-nos protestando por se ter feito a desmobilização de classes mais novas do que aquelas a que pertencem, continuando estas mobilizadas, com a agravante dessas praças, que fazem parte das classes de 1909 a 1912, terem quase toda família constituída.

Chamam-nos também a atenção sobre a má qualidade do rancho confeccionado para as praças em serviço no Hospital Militar Temporário de Lisboa, atribuindo-se essa má qualidade à insuficiência dos gêneros distribuídos.

Para todos estes casos não seria mau que o titilar da pasta da guerra fizesse incidir a sua atenção.

**O cooperativismo e o Estado**

E' de há muito, é de sempre que, quando alguns orientadores de cima falam nos pseudos-parlamentos, nas suas conferências, ou escrevem os seus livros, derramando principios sociais, chegam ao conclusão, ao seu último desiderium, que tudo se pode resolver na questão económica — com a fundação de cooperativas e que o Estado pode e deve dar a elas o apoio secretamente. Fala-se por aqui também em mais três trusts: o trust do açúcar, que está a levantar geral indignações e movimentado a classe dos refinadores; o trust do arroz, havendo já quem o sonhe a venda a alguém, que lhe aumente o custo; e o trust dos cabedais, fazendo-se em quatro criaturas monopolizarem todos os existentes e o que vierem a existir, devendo as fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo. Os quatro ou cinco açambarcadores ficarão habilitados a pôr-nos todos descalços, atendendo a que elas farão dos cabedais o que muito quizerem, transformando-os em ouro sonante... Depois queixam-se que há bolchevistas... Pois se tudo isto está a pedir Lénine... como dizia Paulo Osório na sua Carta de Paris.

Tentaram-se compradoras de legumes e batatas nas regiões produtoras; fechadas as transacções não havia forma de seguirem para Lisboa, porque unhas vezes as autoridades locais tal não autorizavam, outras no ministério dos abastecimentos não se logravam grifes de trânsito e ainda algumas horas em que, removidos estes osculos, o que preciosos que perderam nesse dia os caminhos de Lisboa, ficaram nos açambarcadores, que venderam os mesmos ao custo da "Pensionista" não mercê as atenções devidas!

Quantas regras foram proteladas! Chegou-se a este cúmulo: Requisitadas determinadas sacas de batata, foi exigido à "Pensionista", em pagamento das mesmas, mais dinheiro do que aos comerciantes. Feita a reclamação junto do chefe da respectiva secção, objectaram em resposta que a Cooperativa podia vender fora da tabela!

Quando o fornecimento era feito diretamente para a casa, só se podia pagar o custo da "Pensionista" e o mercê as atenções devidas!

Quantas regras foram proteladas! Chegou-se a este cúmulo: Requisitadas determinadas sacas de batata, foi exigido à "Pensionista", em pagamento das mesmas, mais dinheiro do que aos comerciantes. Feita a reclamação junto do chefe da respectiva secção, objectaram em resposta que a Cooperativa podia vender fora da tabela!

Então, o fornecimento era feito diretamente para a casa, só se podia pagar o custo da "Pensionista" e o mercê as atenções devidas!

Perante esta expressiva prova protecionista, venham para cá os senhores solutionistas de via reduzida instigando os camaradas trabalhadores a fundarem cooperativas para nos subcregararem com impostos, licenças, selos e outras alcavacas, reduzindo os nossos direitos, por elas tam apregoados, uma escandalosa parcialidade de lei-funil, deixando a parte mais ampla à vontade gananciosa dos mercêeiros, e só filtrando pelo aportado bico os meios de vida das cooperativas como filhas... espúrias.

Tudo isto não causa admiração, sabendo-se que não ministério dos abastecimentos também preponderam tendeiros, facto que nos é garantido pelo sócio n.º 44 da Pensionista.

**A Cadeia do Lameiro**

Escrivemos-nos António de Castro Pinto, prêsto na cadeia do Lameiro, protestando contra o facto de, tendo o ministro da justiça oficializado ao director daquele estabelecimento penal autorizando esse priso a dar entrada no hospital, a fim de o operarem de uma úlcera, ainda não terem dado andamento a essa determinação superior.

**Câmara Municipal de Lisboa**

**Monumento a Eça de Queiroz**

Por unanimidade a comissão administrativa aprovou uma proposta do sr. Magalhães Peixoto, para que se oficiale ao escultor sr. Teixeira Lopes, pedindo-lhe a conclusão do busto do 1.º Presidente da República sr. dr. Teófilo Braga, destinado a figurar no salão nobre dos Paços do Concelho, em conformidade com o contrato firmado entre esta câmara e o referido artista, em 16 de Novembro de 1915.

Por proposta do sr. Costa Mota (so-brinho) foi por unanimidade resolvido ouvir a Comissão de Estética sobre o pedido de mudança de local do monumento a Eça de Queiroz.

**"A leva da morte"**

Do sr. José Duarte Costa recebemos uma longa carta em que, no louvável propósito de defender seu irmão, Alvaro Duarte Costa, polícia acaute de ter morrido o vizinho de Elvira Braga, quando da arrancada "leva da morte", produz considerações atinente a sua inocência.

Pede-nos aquele senhor a publicação da sua carta, no que a "A Batalha" não aceita em consequência de nela se fazerem apreciações de ordem política que nestas colunas não tem cabimento, mas dum motivo.

**Agressão**

Foi preso José Abreu, rua das Barreiras, 65, redor-chão, por agredir o cavalo marinho José Antunes, rua Augusto, 221, que deu com alguma ferida na fragata D. Francisco, e ao ex-agente da polícia de investigação de todas as secções.

A polícia de investigação de todas as secções está também tratando desse assunto mandando a comissão o resultado das suas investigações.

**OLYMPIA**

Desde as 2 da tarde Matinées e Soirées  
Penultima exibição  
O CONDE DE MONTE CRISTO  
As 5.ª, 6.ª, 7.ª e 8.ª épocas—FIM

QUINTA FEIRA  
Sensacional estreia

TOSCA de Sardou, por  
Francesca Bertini  
Musica expressamente escrita

À retina do amor, 3 p. Carros de assalto Schneider  
Matinées Platéa 400 rs. Soirées Platea 500 rs.  
Balcão 700. Balcão 1.000 rs.

EXCLUSIVO DO OLYMPIA

**A BATALHA**  
NO PORTO

Truta—Uma conferência—Reunião da comissão administrativa da U. O. N.

PORTO, 19.—Os especuladores da miséria alheia não desarmam nem à mão do Deus Padre. Não estão ainda satisfeitos com as fabulosas fortunas que fizeram durante o período mais agudo da conflagração europeia. Ontem reuniram os comerciantes armazémistas dos produtos textil. Procurei assistir a essa reunião, a fim de colher os seus resultados. Foi-me, porém, vedada a entrada, visto não pertencer às juntais. Pelos modos aquêles comerciantes constituiram umas juntas exploradoras, para delineirar planos. O que é para admirar é elas poderem reunir secretamente. Fala-se por aqui também em mais três trusts: o trust do açúcar, que está a levantar geral indignações e movimentado a classe dos refinadores; o trust do arroz, havendo já quem o sonhe a venda a alguém, que lhe aumente o custo; e o trust dos cabedais, fazendo-se em quatro criaturas monopolizarem todos os existentes e o que vierem a existir, devendo as fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As hortaliças não têm forma de baixarem, e os assaltos, até agora isolados, ameaçam ser gerais. A carestia hortaliçaria será devida à falta de chuvas, tão benéficas as hortas?

As batatas, que tem estado aferrohadas, vão agora saíndo do escondreiro... mas para quê? para melhor arranjo.

Entre os pescadores, que tanto se diverte a pesca, é que é para admirar é elas poderem reunir secretamente.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

As fábricas de cortumes entenderem-se só com elas... para melhor arranjo.

# RICOS REMEDIADOS POBRES

**CHARRAS** as mais perfeitas  
FABRICAÇÃO DE  
E. DUARTE FERREIRA & FILHOS (Engenheiros)  
TRAMAGAL



## INTERNATO

Plano dos estudos aprovado pelo Governo

- (a) Instrução primária
- (b) Curso completo dos liceus
- (c) Curso teórico-prático de comércio
- (d) Música e piano
- (e) Gimnastica

(Decreto de 29 de Agosto de 1905)

## COLÉGIO LUSITANO

Instituto Primário, Secundário e Comercial

APROVADO PELO GOVERNO

\* \* \*

JOSÉ NEGRÃO BUÍSEL

PONTIMÃO

O mais importante do Algarve

Trabalhos  
DE  
Serralheria  
ANTONIO A. OLIVEIRA

Toma conta de todos os trabalhos da sua especialidade, garantindo perfeita execução e solidez.

Preços sem competência

ATENÇÃO: Da importância de todos os artefactos executados à sua responsabilidade, oferece a percentagem de 10%, que será dividida em partes iguais pelo jornal A Batalha e pelo cliente ou informador.

Procurai e recomendai esta oficina

Rua Ferreira Chaves, G M S  
CAMPOLIDE



## Serralharia Artística

Vicente Joaquim Esteves

TRABALHOS ARTÍSTICOS EM FERRO FORJADO

Construção e montagem de vigamentos e coberturas metálicas

Fabricante de cofres e portas fortes à prova de fogo

RUA DAS AMOREIRAS, 92 — LISBOA

Telefone 1412 (Norte)

## Cimento TEJO

CUMPRE-NOS avisar o público de que a fábrica de Alhandra continua produzindo em grande escala e acreditada.

## CIMENTO "TEJO",

empregado há 25 anos nas obras mais importantes do País, sempre com os melhores resultados em cimento armado, com e docas e muitos outros trabalhos de maior importância.

Os seus preços são sempre inferiores em 30% aos cimentos estrangeiros, alguns de inferior qualidade.

Inúmeros atestados dos mais afamados engenheiros existem neste depósito e podem ser mostrados ao público para avaliar a sua excelente qualidade.

Depositários gerais de CIMENTO "TEJO".

António Moreira Rato & F. os. II.

Rua 24 de Julho — 54-F

Telefone Central 233

Endereço telegráfico: RATO-FILHOS

## A SIFILIS

ERVANARIO da província cura radicalmente a sifilis e todas as doenças que derivem da impureza do sangue. Contém de 100 doses se têm em cada umas 500 réis. Travesseira de Oliveira, 21, n.º 1. A Estrela. Curam-se todas as doenças.

Fábrica ELÉCTRICA

151, 1. R. da Madalena, 151, 1.

Tel. C. 3029

# JESUS NA GUERRA

Novidade literária da maior atualidade

A venda em março — Preço 50

Pedidos á EMPREZA EDITORA POPULAR

Não se esqueçam que ali na

## TRAVESSA DE S. DOMINGOS, 26 E 28

está em liquidação um completo sortido de calçado para homens, senhoras e crianças.

### Máquinas para entrega imediata

Motores a gás pobre e gasolina, Locomóveis e elevadores, Máquinas e caldeiras de vapor, Serras semi-fim e circulares, Máquinas para carpintaria, Moinhos e aparelhos para fábricas de moagem, Crivos Marot e taras, Máquinas francesas de todas as dimensões, Cultivadores e semeadores, Tornos mecânicos, limadores e máquinas de furar, Acessórios para máquinas, óleos, correntes e empalmes,

Eduardo Pinto de Sousa & C. I. da 74, Rua 24 de Julho, 74-E LISBOA

### REUMATISMO

SEJA ele que qualidade for e antigo que seja, a sua cura é certíssima e em poucos dias pelo afamado Remédio São João (composite de dois específicos, um para o uso externo e o outro para uso interno como depurativo) sentindo-se prontos alívios logo em seguida às primeiras vezes que se usar.

Preço (remédio completo) 25000 réis, pelo correio mais 150 réis, enviando-a a quem quer que seja de Portugal. Pedidos a Manuel A. F. Caldo & C. Largo do Corpo Santo, 20 e 22, Lisboa.

### Tinturaria a Vapor

María d'Assunção Silva Branco 45, Calçada do Carmo, 47 TELEFONE 2019

TINTE em todas as cores e laços toda a variedade de fachadas, seda, lã, algodão em lo, roupas de senhora e fatos de homem, feltos e desmanejados, polonines, capas de borraça, repousores, peles, colros e tapetes.

Dégrasse à sec

## A FUNTIPO

R. Nova da Piedade, 62, 2º

Director-proprietario

P. Gini.

### DERNIER DE LA MODE

#### SORTIDO COLOSSAL DE CHAPELARIA

Os modelos mais elegantes

Os preços mais económicos

ALVARO ALMEIDA GARCIA

RUA DA PALMA, 50 e 52

### OFICINA PARA CONCERTOS

#### BICICLETES E GRAMOFONES

Maquinismos completos, cordas, tambores, ventoinhas

rodas de engranagem, agulhas, etc., etc.

Protetores e camaras de ar de diversas marcas

e modificações. Esmaultagem a fogo de Bicicletas

e com frizos. Bicicletas novas e usadas, e todos os acessórios para bicicletas e gramofones.

5, AVENIDA DAS CORTES, 7

## Empreza Editora Popular

### (Oficinas Gráficas)

### Papelaria, Livraria, Tipografia, Encadernação e Carimbos de Borracha

### Especialidade em BILHETES POSTAIS ILUSTRADOS e Livros escolares

R. do Poço dos Negros, 79 a 83-A — LISBOA Telef. 4009 C.

### GRANDE LIQUIDAÇÃO

Por motivo de obras, Liquidação de todos os artigos existentes nos estabelecimentos do L. do Calvário, 15, 17, 18, 19, 20, 20-B e 20-D

Fazendas de lã para homem e senhora, sobretudos, casacos de senhora, fatinhas de criança, camisas para homem e senhora, meias, peúgas, lenços, gravatas, colarinhos, suspensórios, panos brancos patentes de todas as qualidades, panos para lençóis de todas as larguras.

Toalhas de resto e mesa, colchas, cobertores, riscados, fланел, chitas, cotins, oxford, zefires, cassas, camisolás de lã e algodão, para senhora e homem.

### Descontos aos revendedores

### TUDO MAIS BARATO

16, 17 e 18, Largo do Calvário, 28, 20-B e 20-D

### Propaganda social

Série de folhetos em preparação

N.º 1 Necessidade da Associação

Por José Prai

Ao Trabalhador Indiferente

Por Pinto Quarín

Preço de cada 60 rs.

As mais interessantes teorias sociais

centavos 500 réis

Rua do Poço dos Negros, 79 a 83